



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**ALÉM DA CORTINA DE FERRO: MEMÓRIA E NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA
DE IMIGRANTES SOVIÉTICOS (1964-1992)**

Lúcio Geller Junior¹

Resumo: O objetivo dessa comunicação é discutir minha proposta de dissertação de mestrado que busca analisar as narrativas autobiográficas e os arquivos pessoais de dois imigrantes da ex-União Soviética no Brasil, Anna Savitskaia e Oleg Savitskii. De famílias de ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial e militares da URSS, o casal nasceu na Ucrânia, ela em 1964 em Donetsk e ele em 1966 em Ostroh. Em Kiev, dividiram moradias comunitárias, estudaram línguas e graduaram-se como tradutores do serviço militar soviético. Com a dissolução da URSS, diferente de muitos imigrantes que partiram para a Europa Ocidental, Anna e Oleg cruzaram hemisférios, vivendo hoje em Porto Alegre (RS). O recorte da pesquisa privilegia um ponto de observação: as narrativas autobiográficas de Anna e Oleg sobre as décadas em que viveram na URSS (60, 70, 80) até o momento da partida para o Brasil dos anos 90. Em termos metodológicos a pesquisa vale-se da história oral e segue dois caminhos: perscrutar como narram e interpretam suas histórias de vida a partir da desintegração e do deslocamento da URSS; e, analisar seus arquivos pessoais acumulados, selecionados e deslocados (como narram suas histórias de vida através de referências simbólicas; como reconstruem e usam esse passado e quais os sentidos produzidos). Ainda que Anna e Oleg não sejam figuras públicas, reconhecidas em seus países, suas experiências e seus arquivos podem ser um ingresso a historicidade de vidas privadas e a relação espaço público/privado.

Palavras-chave: História Oral, Migração, União Soviética, Anna Savitskaia, Oleg Savitskii.

DUAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Não me acreditarás se eu te disser o que tenho diante de mim, todas as imagens da igreja estão com os olhos vendados, Que estranho, por que será, Como hei-de eu saber, pode ter sido obra de algum desesperado da fé quando compreendeu que terá de cegar como os outros, pode ter sido o próprio sacerdote daqui, talvez tenha pensado justamente que uma vez que os cegos não poderiam ver as imagens, também as imagens deveriam deixar de ver os cegos, As imagens não veem, Engano teu, as imagens veem com os olhos que as veem, só agora a cegueira é para todos.

José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira* (1995).²

¹ Mestrando em História, Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS), lucio.geller@gmail.com.

² Trecho do capítulo final do romance português de Saramago (2019, p. 301-302) sobre uma “peculiar” epidemia de cegueira branca.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Antes de mais nada, duas considerações sobre o que faço e que o se (re)configurou nesta comunicação submetida ao *IV Seminário Internacional de História do Tempo Presente* em 10 de fevereiro de 2020, ou seja, há mais de um ano atrás. Em primeiro lugar, para quem interessar possa, desde o segundo semestre de 2017, ainda na qualidade de graduando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), me dedico às relações entre história oral e migração. Época e local em que tive a oportunidade de conhecer e ouvir dois imigrantes ucranianos da antiga União Soviética, Anna Savitskaia e Oleg Savitskii, radicados em Porto Alegre, Rio Grande do sul, desde 1992, quando nem bem completava um ano do esfacelamento do mundo socialista.³ A partir de 2018, quando realizei minhas primeiras entrevistas de história oral com Anna, como parte da monografia de conclusão de curso;⁴ e, depois, em 2019, quando tive aprovada minha proposta de dissertação no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da mesma instituição, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), com início previsto para março de 2020, para agora perscrutar não apenas como ela narra sua passagem pela União Soviética, mas também ele, além de seus arquivos pessoais; cada vez mais eu acreditava no potencial da pesquisa “olho no olho” e na atenção às “sutilezas da língua” na narração de uma experiência de movimento entre lugares – algo que continuo acreditando, vale destacar.⁵

No entanto, e agora partindo para a segunda consideração, poucas semanas após realizar a minha inscrição neste encontro e iniciar uma nova etapa de minha formação acadêmica, não podia imaginar, ainda que pesem os desvarios decorrentes do golpe de 2016

³ As primeiras vezes em que ouvi Anna e Oleg falarem de suas vidas foram em eventos acadêmicos relacionados ao 100º aniversário da Revolução Russa em 2017. O primeiro, em 11 de novembro no Sindicato dos Municípios de Porto Alegre (SIMPA), no evento *As Mulheres na Revolução Russa*; e, o segundo, em 30 de novembro, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na aula pública *A Revolução Russa e a Experiência Soviética*, promovida pela Associação dos Licenciados em Filosofia. O acontecimento que se recordava, de fato, não foi “vivido pessoalmente” (POLLAK, 1992, p. 201) pelo casal. Em ambas as ocasiões os dois buscaram expressar a experiência de passar por aquele mundo que começou há cem anos e que ruiu em meio as suas vidas. Assim, em 2018, estabelecendo um primeiro contato com Anna, se iniciou a primeira empreitada de escrita e análise biográfica, com o objetivo de ouvi-la sobre a dissolução da URSS.

⁴ As fontes orais produzidas para a monografia (GELLER JR., 2018) foram fruto de três entrevistas realizadas com Anna Savitskaia (2018a, b, c) em 2018. Novas reflexões, com maior aprofundamento das questões de gênero, foram publicadas em: Geller Jr (2019).

⁵ As noções que aqui me utilizo fazem referência às asserções sobre a metodologia da história oral e, em seguida, e mais especificamente, direcionadas aos estudos migratórios, de Schmidt (2017) e Thomson (2002), respectivamente.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



que destitui uma presidenta democraticamente eleita, a emergência de um cenário tão desolador de mortes e destruição econômica e social em nosso país, provocado pela pandemia do novo Coronavírus (Covid-19)⁶ e pela política fria e desumana do governo federal para mitigar seus efeitos. O que, de certa forma, fez com que o meu próprio “eu”, para além da postura analítica de pesquisador, encontra-se nas palavras do meu “objeto”, Savitskaia (2018c, s.p., *grifos meus*), a expressão de uma “sensação” muito semelhante quando esta lamentava os efeitos catastróficos do avanço da agenda neoliberal e da ofensiva conservadora sobre as condições de vida das populações pós-soviéticas:

A gente na verdade estava esperando que as coisas continuassem, só que vai ser igual, por exemplo, na França, ou [em] países de sucesso, países capitalistas de sucesso [...] Na verdade, o que que a gente [esperava] com essa mudança, era pra uma *utopia*, que não existia! [...] [De que] tudo vai se ajustar [mas, na verdade, tudo] acabou.

O sabor melancólico dessa espécie de epitáfio das “expectativas”, na acepção de Reinhart Koselleck (2006, p. 310), de mudança social, pautadas pelos princípios utópicos das “culturas de esquerda”, conforme Enzo Traverso (2018, p. 29-39), certamente incide sobre o jogo de palavras “histórias (co)movedoras”, criado por Alistair Thomson (2002, p. 359), para entender a significativa presença da “emoção da separação” em histórias orais de migrantes. Por outro lado, o historiador australiano não deixou de ressaltar também que elas são profundamente “comovedoras” tanto para o “narrador” quanto para a sua “audiência”. Instância esta em que se encontra, justamente, o meu “eu”, que carrega igualmente um “corpo”, com seus afetos, emoções, sensibilidades, expectativas e temores (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 45). Nesse sentido, indico já de antemão, que não se trata de cair na tal “ilusão biográfica”, que Pierre Bourdieu (2005; 2006) tanto receou, mas de passar a observar com maior atenção o valor da “subjetividade” em um momento de “interpelação”, entre um “eu” e um “outro”, segundo Judith Butler (2019, 51-52).

Nas palavras da filósofa estadunidense, “enquanto estou engajada em uma atividade reflexiva, pensando sobre mim mesma e me reconstruindo” – neste caso, o nosso “narrador” –

⁶ Em 11 de março de 2020, Tedros Adhanom, o diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou que o órgão elevou o estado da contaminação à pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



, também estou falando *contigo* e assim elaborando uma relação com um outro da linguagem” – que aqui poder ser compreendido como o meu “eu”, o que escuta, pergunta, investiga. Por isso, continua ela, a fala deste “outro” não é apenas uma transferência de informações sobre uma vida, mas também “uma condutora de um *desejo* e como instrumento retórico que busca *alterar* ou *agir* sobre a própria cena de interlocução” (BUTLER, 2019, p. 70, *grifos meus*). Há, portanto, como na belíssima cena em que os protagonistas de *Ensaio sobre a cegueira*, do escritor português José Saramago, se questionam sobre o motivo de “objetos” sacros inanimados terem tido seus olhos “vendados”, uma relação *dialógica*, uma (co)criação de sentidos e significados. Literalmente, segundo Alessandro Portelli (2016, p. 10), “uma troca de olhares”; e, acrescento, de gestos, de entonações, enfim, de “performances”.

Destas duas considerações iniciais, minha comunicação indicará daqui por diante, na melhor das intenções de explorar a expressão que nomeia este Simpósio Temático, *cruzando fronteiras*, duas proposições: a primeira, de *método*; e, a segunda, de *relação* com os objetos do passado. Ambas partem dos limites e possibilidades abertos pela minha pesquisa com a história oral da migração em um cenário de disrupção sanitária, socioeconômica e tecnológica. As questões colocadas às fontes, bem como o referido recorte de minha pesquisa, apresentando por mim na proposta de comunicação para este evento há um ano atrás, convém sublinhar, serão igualmente elaboradas e, na medida do possível, parcialmente respondidas. No entanto, em que pese a situação descrita, que, de uma forma ou de outra, acometeu a todos nós no último ano, e ainda persiste, as formas, os modelos, os meios, os instrumentos e, certamente, os próprios pesquisadores foram drasticamente (re)configurados. Ignorar tais circunstâncias dentro da nossa prática, agarrar-se em uma frieza moral “objetivista”, tornando-a uma espécie de *bunker* disciplinar, seria talvez mais um modo “viral”, ainda que sutil, de não “querer ver” ou apartar-se das imagens do presente.

DUAS PROPOSIÇÕES

Em termos teórico-metodológicos, optei desde cedo pela “história de vida”, uma das possibilidades dentro da metodologia da história oral. Nela solicita-se aos entrevistados narrativas mais longas, procurando apoiá-los neste processo; seguida por perguntas pontuais, referentes à temas pouco mencionados ou que são importantes para a pesquisa (ALBERTI,



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



2004; ROSENTHAL, 2014). Todavia, não trato as fontes orais como as “verdades para eles”, os narradores, ou que “temos várias histórias e todas são equivalentes”; mas, nos passos de Alessandro Portelli (2018, p. 10), busco reconhecer uma realidade “interior” intangível, isto é, a subjetividade, a memória. Sem ser uma simples distorção da história, ela se constitui como um contínuo movimento de construção de sentido sobre acontecimentos que tiveram impacto na vida das pessoas, e, assim, também atuam na história (PORTELLI, 2018, p. 10; 2016, p. 18). Tal perspectiva incide igualmente sobre os arquivos pessoais. Estes são pautados por várias subjetividades, desde a seleção até sucessivas avaliações e descartes. Ouvir a narrativa do sujeito sobre a sua documentação privada é uma forma de recuperar essas dinâmicas, ou ainda, segundo Luciana Heymann (2012, p. 275.), de “restituir sua própria historicidade.” Portanto, seja através da memória ou de arquivos pessoais, a temporalidade do sujeito (o quem da ação) na narrativa, que é o seu modo de enxergar e dar sentido ao mundo, foi, e continua sendo, a preocupação deste meu trabalho dialógico (OLIVEIRA, 2018, p. 70; RITIVOI, 2018, p. 49-57).

Nessas condições, não é por acaso que, depois de 1989, ano da queda do Muro de Berlim e do fim do bloco socialista do Leste Europeu, verifiquei uma grande quantidade de projetos de história oral na região, pois as fontes, ao que tudo indica, tornaram-se importantes para o estudo de “campos de concentração, a fuga e dispersão de milhões de pessoas nesta região, a perseguição de décadas da parte dos soviéticos a diversos grupos políticos e étnicos” (VON PLATO, 2007, p. 10).⁷ Por outro lado, a visão da pressão ideológica do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) sobre a sociedade desde a Revolução de Outubro de 1917, concebida pela Guerra Fria, também pode iludir o fato de que “o regime soviético durou mais de setenta anos, durante os quais teve que se adaptar a um ambiente de mudanças sociais internas e profundas muito variáveis e, conseqüentemente, sofreu múltiplas transformações” (NOVIKOVA, 2007, p. 71). Nesse sentido, a história oral e os arquivos pessoais podem ser uma possibilidade de estudo da forma como pessoas efetuaram e elaboraram experiências no período soviético, conferindo até mesmo uma certa margem de

⁷ Em vários países da Europa Oriental como Bulgária, República Tcheca, Polônia e Ucrânia formaram-se associações de história oral e, de modo reduzido, nos Estados Bálticos e na Bielorrússia; na Hungria, ainda durante o período soviético, surgiu o Instituto para o Estudo da Revolução de 1956 (VON PLATO, 2007, p. 19-21).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



“agenciamento” para estas, sendo possível observar, inclusive, clivagens internas. É o que diz Verena Alberti (2004, p. 23), na medida em que “histórias de vida, entrevistas de história oral, documentos pessoais, enfim, mostram o que é potencialmente possível em determinada sociedade ou grupo, sem esgotar, evidentemente, todas as possibilidades sociais.” No caso de trabalhos com migrantes, como este, pode-se contribuir para “apontar a diversidade e, também, para estabelecer um campo de interlocução, especialmente quando associada às discussões sobre identidade e representações” (WEBER, 2013, p. 12).

A propósito dessa profusão de trabalhos sobre vivências, memórias e identidades na União Soviética, os traumas logrados pela Segunda Guerra Mundial são ainda um dos campos mais abundantes nas produções mais recentes (BAKRADZE; DE WAAL; GUDKOV; LIPMAN, 2013; ERICE, 2009; ETKIND, 2009ab; FIGES, 2009; ZHURZENKHO, 2007). Destes, destaco os estudos da cientista política Tatiana Zhurzenkho (2007), que desde 2002 realiza pesquisas sobre as fronteiras e as identidades pós-soviéticas e a política de memória na Europa Oriental. Entre 2010 e 2013, Alexander Etkind liderou outro importante projeto de pesquisa, *Memory at War: Cultural Dynamics in Poland, Russia, and Ukraine*, que explorou dimensões políticas, sociais e culturais resultando em estudos de caso em múltiplas escalas (FEDOR; KANGASPURO; LASSILA; ZHURZHENKO, 2017). Em relação ao período da dissolução, com menor acúmulo em comparação com o da guerra, Kristen Ghodsee (2017; 2019), através da história oral, investiu em histórias de vida nos distúrbios sociais nos Balcãs, após 1985, e da reunificação alemã, em 1990; bem como o ativismo e a conexão entre mulheres da Bulgária e da Zâmbia nas Nações Unidas entre 1975 e 1985. Estudos sobre identidades étnicas de europeus orientais no Brasil, em especial de ucranianos no Rio Grande do Sul, contam com trabalhos que se dedicaram, sobretudo, à primeira metade do século XX (FORTES, 2004a, b; SILVA, 1996). Referente à ruptura, Gabriele Rosenthal (2014), entre 2007 e 2009, pesquisou famílias de etnia alemã que migraram para a Alemanha Ocidental; e, Katarzyna Waniek (2014) acompanhou uma geração de migrantes poloneses (menos de 30 anos) na Alemanha entre a queda do comunismo na Polônia (1989) até a ampliação da União Europeia para o Leste (2004).

Embora não tenha abdicado destas perspectivas e do acúmulo das produções intelectuais de até então, pois nem chega a ser este o caso, a pandemia acarretou a urgente



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



necessidade de distanciamento social e o reforço nos cuidados com a higiene pessoal e coletiva, que, diante da dimensão e da gravidade da situação, não são nada mais do que formas básicas de cuidar do “outro”. No entanto, como seria possível dar continuidade a um trabalho que até aquele momento vinha ocorrendo na forma do que agora se tornaria um risco, ou mesmo uma violência com aquele, isto é, com encontros presenciais – e como foi na maioria dos referenciais levantados? A resposta para diversos âmbitos da sociedade foram as soluções *home office*. Dos setores de vendas e finanças, passando por todas as etapas da escolarização no país, pública ou privada, até todos os tipos de eventos, dos artísticos aos acadêmicos, como este que aqui nos encontramos, passamos a nos enxergar e a conversar virtualmente, através de conexões de Internet. Na altura de concluir quase todo o primeiro semestre da pós-graduação *online*, atentei para a possibilidade de realizar, neste mesmo formato, as entrevistas com os meus “narradores”. Contudo, se era possível trabalhar assim com meus “vizinhos”, em Porto Alegre, por que não “cruzar” também os limites de algumas cidades, e mesmo estados, em busca de mais imigrantes das antigas repúblicas constitutivas da União Soviética? Foi o que fiz. E, entre 23 de outubro de 2020 e 11 de janeiro de 2021, realizei cinco entrevistas de história oral com três imigrantes russas da União Soviética no Brasil. Todas elas de “gerações” muito próximas à de Anna e Oleg, ou seja, de nascidos após o término da Segunda Guerra Mundial, e que, portanto, atingiram a maioria entre as centrífugas décadas de 70 e 80.⁸ As duas primeiras, Irina Aragão dos Santos e Elena Constantinovna Gaissionok, são residentes da cidade do Rio de Janeiro, com idas e vindas da União Soviética ao Brasil em diferentes épocas, inclusive na infância e na adolescência, no caso da primeira. A terceira, Cristina Antonioevna Dunaeva, vive atualmente em Brasília, mas passou por outras cidades antes, como Campinas, em São Paulo.

Entretanto, nem as “testemunhas”, muito menos a escolha dos meios e das técnicas, “caíram-me do céu”, e é por isso, como explicarei logo abaixo, que é necessário mencionar este contexto de *lives* e aulas *online*. Em agosto de 2020, participei do *Ciclo de Palestras Voprós*, promovido pelo Centro de Estudos Asiáticos (CEA) da Universidade Federal

⁸ A palavra geração, todavia, não corresponde a um tipo de unidade, e sim, ao reconhecimento de um conjunto diversificado de experiências, personalidades e entendimentos em torno de marcadores psicológicos, emocionais, corporais e temporais (WOLFE, 2006, p. 253). Ponto de vista que expressa, evidentemente, através da narrativa, que é capaz de “comunicar experiências que vão além da trajetória particular de determinado entrevistado, dando conta de formas de elaborar o mundo próprias a uma geração” (ALBERTI, 2004, p. 110-111)



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Fluminense (UFF), cuja temática tinha como foco central “gênero, sexualidade e minorias étnicas na Rússia e União Soviética”, através da plataforma virtual de vídeo conferências *Google Meet*.⁹ Foi neste evento, um dos vários que participei em 2020 nessa modalidade, através dos debates sobre as pesquisas de cada participante, temas em comum e sugestões de leituras e fontes, que cheguei, primeiramente, em Irina Aragão e Cristina Dunaeva, que estavam, inclusive, presentes no *Ciclo*. Ambas, no Brasil, estiveram envolvidas, desde que aqui se estabeleceram profissionalmente, com o meio acadêmico. A primeira, ministra disciplinas de História e Design de Adornos Pessoais, no curso de graduação em Desenho Industrial na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); e, a segunda, de História da Arte na Universidade de Brasília (UnB). Já Elena Gaissionok, foi uma indicação da própria Irina Aragão, que é sua amiga pessoal, logo após realizarmos o nosso primeiro encontro. Professora de fala cênica desde que chegou no país na década de 90, Elena, a partir de 2012, ministra aulas na Casa das Artes de Laranjeiras (CAL) na cidade do Rio de Janeiro. Fora cada uma dessas particularidades e “caminhos” pelos quais as localizei, sempre virtualmente, contatei todas elas, quando da primeira vez, através de um *e-mail* com a apresentação de minha pesquisa, dados pessoais e acadêmicos, e intenções para com seus relatos de vida, no seguinte formato:

Boa tarde [nome do destinatário], tudo bem? Quem escreve é Lúcio Geller, sou mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e desenvolvo um projeto de pesquisa sobre memórias e narrativas biográficas da URSS, sob orientação da professora Regina Weber. Também sou membro do grupo de pesquisa do CNPq *Identidades étnicas e racismo*. Em minha pesquisa, através da metodologia da história oral, procuro ouvir memórias de cidadãos das ex-repúblicas da União Soviética que hoje vivem no Brasil. Atualmente tenho assentada minha investigação em Porto Alegre-RS, mas desejo expandir um pouco as fronteiras, tanto para fora da cidade quanto para fora do Rio Grande do Sul.

[Parágrafo com dados específicos sobre como tomei conhecimento do devido destinatário e aspectos de sua vida que julguei importantes para participar da pesquisa]

⁹ Centro de Estudos Asiáticos (CEA). Disponível em: <<https://ceauff.wixsite.com/ceauff/sobre-o-cea-uff>>. Acesso em: 22 mar. 2021.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Deste modo, venho por meio deste e-mail fazer um convite e, também, me colocar à disposição para falar mais sobre a pesquisa, caso queira, se puder e quiser, contribuir com suas histórias de vida. Em função da pandemia de coronavírus, todas as pesquisas da universidade que antes necessitavam de encontros presenciais agora passaram para o meio virtual, no meu caso, tanto a assinatura de documentação de consentimento quanto entrevistas em si.

[Parágrafo em tópicos com os meus dados pessoais, da universidade, dos métodos de pesquisa e *links* de contato]

Cordialmente,
Lúcio Geller Junior.

Em seguida, logo que retornavam o meu contato, marcávamos uma primeira conversa de apresentação com vídeo conferência. Etapa que era realizada a partir da disponibilidade de horário delas e dos recursos de comunicação à distância que elas tinham em mãos, bem com o domínio de cada ferramenta. As entrevistas, por sua vez, já utilizavam ao menos alguma plataforma *online*, pois todas elas “migraram” para o meio virtual para permanecerem “conectadas” com seus alunados e suas devidas disciplinas em suas instituições de trabalho. Assim, à maneira de cada uma, conversei com Irina Aragão e Cristina Dunaeva pelo *Google Meet*, e com Elena Gaissionok pelo *Skype*. Ainda não eram “entrevistas em si”, mas mais uma “apresentação”, agora estabelecendo um canal de diálogo recíproco, com vozes, gestos, entonações, olhares, perguntas e respostas, dúvidas e questões preliminares. Foi também o momento de abordar os tópicos relativos às implicações éticas, cessão de direitos sobre o depoimento oral ao pesquisador, a presença e a ativação de suportes de gravação e combinação dos dias e do tempo de duração mais adequado para cada situação. Somente após esse “percurso” que, enfim, chegamos ao momento de produção conjunta das fontes orais, que é a entrevista de fato. Atualmente, me encontro concluindo a transcrição de todas estes relatos e, conforme os concluo, encaminho por *e-mail* uma cópia do manuscrito e dos arquivos de gravação para que elas possam comentar suas impressões não apenas sobre o que foi dito, mas também sobre a transposição das palavras vocalizadas para a forma escrita. Prática que já realizava à época das entrevistas presenciais em 2018, com o objetivo de “devolver”, ou melhor, seguir “compartilhando a minha autoridade”, segundo a acepção de Michael Frisch



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



(2016, p. 60), para que esta não se restrinja-se apenas ao “ato” de “ouvir contar” (ALBERTI, 2004).

Não obstante essas “saídas”, que acabaram repercutindo, na verdade, na abertura de novos “caminhos” para a minha pesquisa, não advogo a favor de uma frieza objetivista como uma virtude epistêmica, nem almejo dizer que há então algo de “favorável” proporcionado pelas horrendas circunstâncias em que nos encontramos, ou, tampouco referendar a propalada vulgata do “novo normal”, naturalizando processos destrutivos e de dissociação das relações de trabalho (SEGATA, 2020, s.p.). Essa “guinada” de método, do presencial ao virtual, tem muito mais a ver com aquela esfera do “eu” que mencionei logo de início, do que com qualquer vocabulário individualista, de corte neoliberal, de “corra atrás”, “movimente-se”, “crie suas oportunidades”, etc. O “corpo”, segundo Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa de Magalhães (2020, p. 5), não é “desmaterializado” em um ambiente virtual, mas “reconfigurado” pelos recursos disponíveis no momento, pois a tecnologia, seja ela os nossos velhos gravadores portáteis ou as modernas plataformas de vídeo conferência, não são apenas “artefatos instrumentais”, mas também culturais, que “reorientam hábitos, costumes e práticas medulares” de comunicação, “transfigurando gêneros do discurso, seus conteúdos e modos de dizê-lo”. Por outro lado, como lembram os autores, a mera “conveniência” ou o ensejo individual de seguir, de uma forma ou de outra, com uma pesquisa, não deve ser tomada como justificativa para a sua adoção, pois as condições de execução destas formas devem sempre ser discutidas “metodologicamente em termos de como elas impactaram o resultado final do relato” (SANTHIAGO; BARBOSA DE MAGALHÃES, 2020, p. 6-15).

Por enquanto, a partir do material que tenho em mãos e como este foi produzido, creio que não se possa afirmar que os ambientes virtuais sejam meros “filtros” na “interpelação”. Afinal, como é da própria perspectiva adotada aqui sobre a história oral, não encontramos uma “verdade mais pura”, nem estabelecemos uma relação mais “sólida” com os narradores, apenas por nos encontrarmos de “corpo presente”. Ainda segundo Santhiago e Magalhães (2020, p. 11-15, *grifos meus*), “a preocupação com a perda de intimidade encetada pela entrevista online evidencia uma ênfase excessiva na ideia – na maioria dos casos contrariada pela prática – de que toda e qualquer entrevista constrói uma relação de intimidade entre narrador e pesquisador”. Nesse sentido, como problematiza Mario Rufer (2010, p. 130-131),



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



“não há garantias” prévias, tanto em relação à memória, e, considero eu, aos meios de se estabelecer um diálogo e construir uma relação entre as partes envolvidas. Tudo deve ser problematizado e, como continua o autor, essa “não garantia” deve servir não só como uma perspectiva “polissêmica” e “pluralista” para não cair em concepções que “homogeneízem” os “outros”, construindo binarismos que, involuntariamente, reforçam o hegemônico; como também uma abertura ao “inesperado”.

É por isso que digo, afinal, que a virtualização das entrevistas, ainda que se apresentem como uma das poucas e mais seguras formas de viabilização da pesquisa, é também um fruto de uma relação intersubjetiva entre o “eu” e o “outro”. O que a emergência da pandemia nos trouxe foi um cenário de medos, inseguranças e sofrimentos que, parafraseando Walter Benjamin (1987, p. 114), tem como foco o “frágil e minúsculo corpo humano”. Ao passo que isso nos lembra, infelizmente de modo trágico, que o “eu” do pesquisador está no mesmo mundo, é deste mundo, em que os nossos “objetos”, os nossos “outros”. Vivem igualmente aqui com seus “corpos” e “sentimentos”. Logo, para além de ser uma simples “opção” pelo mais prático, efetivo ou possível, o momento em que nos encontramos, com as “saídas” que buscamos em extensões do nosso corpo, como a tecnologia, constitui também uma relação de cuidado e respeito com este “outro”. Não porque somos todos fies adeptos de princípios humanistas universais, mas porque reconhecemos que há nele, ainda que este seja tomado como nossa fonte de conhecimento, uma “personalidade”. Assim como há em “nós” mesmos; que gerimos, cada qual à sua maneira, as suas próprias “precariedades”. Talvez tenha sido justamente por isso que naquele momento encontrei algum sentido na fala de minha testemunha, mesmo que direcionada a outros problemas. É nessa perspectiva que penso o valor da “subjetividade” do pesquisador e de seu “objeto”. Não como uma “brecha” para sancionar as “verdades” e as “mentiras” de todo e qualquer relato pessoal, pois como já mencionei não é assim que trabalha a história oral. Mas, de não apagar a “personalidade” do “eu” do pesquisador, e sim, segundo Sabina Loriga (2012, p. 255), em transformá-lo em mais uma “fonte de conhecimento”. Mas, de que modo, pergunta Loriga (2012, p. 257), e, em seguida responde: justamente pelo componente “dialógico”, pela abertura ao “outro” e ao “inesperado”, pois ser historiador “não é uma substância, dada *a priori*, mas uma aspiração ou mesmo um *lugar de trabalho*.”



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



REFERÊNCIAS

FONTES:

SAVITSKAIA, Anna. **Entrevista I** [jun. 2018]. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 2018a. 1 arquivo .m4a (01:21:52).

_____. **Entrevista II** [set. 2018]. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 2018b. 1 arquivo .m4a (01:15:41).

_____. **Entrevista III** [out. 2018]. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 2018c. 1 arquivo .m4a (21:03).

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **O tecelão dos tempos**: novos ensaios de teoria da História. São Paulo: Intermeios, 2019.

BAKRADZE, L; DE WAAL T; GUDKOV L; LIPMAN M. **The Stalin Puzzle**: Deciphering Post-Soviet Public Opinion. Washington: Carnegie Endowment for International Peace, 2013.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

_____. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

ERICE, Francisco. Un mundo invadido por la memoria: La Europa Postsocialista. In. **Guerras de la memoria y fantasmas del pasado**. Usos y abusos de la memoria colectiva. Oviedo: Eikasía, 2009.

ETKIND, Aleksander. Post-Soviet Hauntology: Cultural Memory of the Soviet Terror. **Constellations**, v. 16, n. 1, 2009a.

ETKIND Aleksander. Stories of the Undead in the Land of the Unburied: Magical Historicism in Contemporary Russian Fiction. **Slavic Review**, v. 3, n. 68, 2009b.

FEDOR, Julie; KANGASPURO, Markku; LASSILA, Jussi; ZHURZHENKO, Tatiana (ed.). **War and Memory in Russia, Ukraine and Belarus**. Cham, Suíça: Palgrave Macmillan Memory Studies, 2017.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



FIGES, Orlando. **Los que susurran**. La represión en la Rusia de Stalin. Barcelona: Edhasa, 2009.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito**. A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas. Rio de Janeiro: Garamond, 2004a.

FORTES, Alexandre. Os outros “polacos”: classe e identidade étnico-nacional entre imigrantes do leste europeu em Porto Alegre. In: FORTES, A., BATALHA, C., SILVA, F. (org.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004b.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; e SANTHIAGO, Ricardo (Org.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra & Voz, 2016.

GELLER JR., Lúcio. Anna Savitskaia: ou, como narrar uma vida na União Soviética (1964-1988). **Aedos**, v. 11, n. 25, p. 26, 2019.

_____. **Os tremores da queda: memória e trajetória de Anna Savitskaia, das reformas à dissolução da URSS (1985-1992)**. 2018. 88 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Licenciatura em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HEYMANN, Luciana Quillet. O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, n.1. 2012.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LORIGA, Sabina. O eu do historiador. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 5, n. 10, p. 247-259, 2012.

NOVIKOVA Olga. La política de la memoria: moldear el pasado para construir la sociedad democrática (la URSS y el espacio postsoviético). **Historia del presente**. Madrid, n. 9, 2007.

OLIVEIRA, Maria da Glória. Para além de uma ilusão: indivíduo, tempo e narrativa biográfica. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte de escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

_____. Prólogo. In: FLIER, Patricia. (ed.); PORTELLI, Alessandro (pról.). **Historias detrás de las memorias: un ejercicio colectivo de historia oral**. La Plata: UNLP-FaHCE, 2018.

RITIVOI, Andreea Deciu. **Empatia, intersubjetividade e compreensão narrativa: lendo as histórias, lendo as vidas (dos outros)**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



SEGATA, Jean. Há um grande pesadelo por trás da ideia de um “novo normal”, diz antropólogo. **Sul** 21, 3 out. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3metWrg>>. Acesso em: 26 nov. 2020.

SILVA, Márcia Andréa Schmidt da. **Uma comunidade eslava ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre (1948)**. 1996. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História do Brasil). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: A interrelação entre experiência, recordar e narrar. **Civitas**: Porto Alegre, v. 14, n. 2, 2014.

RUFER, Mario. Memoria sin garantías: usos del pasado y política del presente. **Anuario de investigación**, 2010, UAM-X, México, 2010.

SANTHIAGO, Ricardo.; BARBOSA DE MAGALHÃES, Valéria. Rompendo o isolamento: Reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos** 90, v. 27, p. 1–18, 7 set. 2020.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Flavio Koutzii**: Biografia de um militante revolucionário – De 1943 a 1984. Porto Alegre: Libretos, 2017.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364 2002.

TRAVERSO, Enzo. **A melancolia de esquerda: Marxismo, História e Memória**. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

VON PLATO, Alexander. A descontinuidade da ruptura do sistema e reorientação pessoal. **História Oral**, v. 10, n. 2. 2007.

WANIEK, Katarzyna. Jovens migrantes poloneses na Alemanha de 1989 a 1999: Autoalienação e anomia interacional. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, 2014.

WEBER, Regina. Estudos sobre imigrantes e fontes orais: identidade e diversidade. **História Oral**, v. 16, n. 1, 2013.

WOLFE, Thomas C. Past as Present, Myth, or History? Discourses of Time and the Great Fatherland War. In: LEBOW, Richard Ned; KANSTEINER, Wulf; FOGU, Claudio (ed.). **The Politics of Memory in Postwar Europe**. Durham, EUA: Duke University, 2006.

ZHURZHENKO Tatiana. Geopolitics of memory. **Eurozine**, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2O6hB6p>>. Acesso em 18 set. 2018.